



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
CURSO DE PEDAGOGIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ATUAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL I DE ARACOIABA (CE)**

CAMILA ALVES DA COSTA

ACARAPE - CE

2024

CAMILA ALVES DA COSTA

**Atuação Docente na Educação Especial Inclusiva em uma escola pública de ensino
fundamental I de Aracoiaba (CE)**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.**

Orientadora: Dr.^a Geranilde Costa e Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Costa, Camila Alves da.

C871c

Atuação docente na educação especial inclusiva em uma escola pública de ensino fundamental I de Aracoiaba CE / Camila Alves da Costa. - Redenção, 2024.
33f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Profa.Dra. Geranilde Costa e Silva.

1. Professores de educação especial. 2. Educação inclusiva. 3. Estudantes com deficiência. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 371.1

DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Acarape, ____ de _____ de 2024

**ATUAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL I DE ARACOIABA (CE)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Geranilde Costa e Silva (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a. Dra. Fátima Maria Araújo Bertini
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Ma. Claudia de Oliveira Silva
Secretaria Municipal de Educação de Caucaia - Ce

DEDICATÒRIA

Dedico este trabalho ao meu amado avô e pai Antonio de Oliveira Neto (in memória)

AGRADECIMENTOS

Assim como grande parte dos sonhos que concretizei, me graduar em Pedagogia foi um sonho que partiu de mim desde muito nova, quando ainda encenava com minhas bonecas no momento do brincar que era professora delas. Agradeço nesse pouco espaço que tenho às pessoas que me incentivaram e me deram forças para não desistir do meu sonho, mesmo em meio a tantas adversidades que tive que enfrentar ao longo do curso. Essa realização só foi possível graças a cada um de vocês que guardo em meu coração.

À minha mãe, Rosa, minha tia Marlene e minha avó Antônia, as mulheres da minha vida, que me inspiram a ser uma pessoa melhor, espero que esse trabalho as faça sentir orgulho da filha delas, assim como eu sinto das mulheres incríveis que elas são.

Ao meu pai, José (in memória), o senhor é sinônimo de amor pra mim.

Ao meu marido, Junior, que me incentiva todos os dias a sonhar e correr atrás dos meus sonhos, me fazendo sentir amada e capaz.

Ao meu avô, Antonio, que no meio do meu percurso acadêmico faleceu acometido pelo COVID - 19, minha gratidão a tudo que fez por mim e meus irmãos, esse trabalho é dedicado a você, eu te amo e sigo com você por onde eu for.

A professora Dra. Geranilde Costa e Silva, minha orientadora que foi essencial na realização deste trabalho.

A UNILAB, universidade que me acolheu e me fez quebrar estigmas sociais, de preconceito, intolerância religiosa e tantas outras que carregava comigo ao chegar à faculdade.

A Deus e Nossa Senhora, que são meus alicerces na vida.

O meu mais sincero obrigada a todos.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a atuação docente na educação especial inclusiva em uma escola de ensino fundamental I, no município de Aracoiaba (CE). Deste modo, teve como problemática, analisar como se dá a atuação dos/as docentea voltada à educação especial inclusiva na educação infantil de uma escola pública de Aracoiaba. Tem como objetivos específicos: Identificar os principais desafios enfrentados pelas docentes na concretização da Educação Especial Inclusiva em uma escola pública de ensino fundamental I de Aracoiaba; Verificar as atividades desenvolvidas na sala de aula pelas professoras, com atenção voltada à inserção e participação das crianças com deficiência; Descrever a relação professor da sala comum, professor AEE e cuidador escolar no processo de inclusão escolar. O referido trabalho tem embasamento teórico estruturado com base nos autores como Nóvoa (1995), Meirieu (2005), Sassaki (1997), Mantoan (1997), PRADO e FREIRE (2001), Carneiro (2012), Fonseca (2021), OLIVEIRA (1996) e Gil (2002) e outros que também pesquisam sobre o referido tema. O presente estudo é classificado como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, por meio do qual procura abordar o problema da pesquisa a partir de referências já publicadas, além da utilização de pesquisa de campo com a utilização de uma entrevista estruturada e semiestruturada, que servirá de subsídios para o embasamento a respeito do tema pesquisado. O estudo de campo é de grande relevância para nosso trabalho, considerando que em nossa pesquisa foram realizadas observações em sala, nos possibilitando uma visão e maior ideia a respeito do que nos propúnhamos a estudar.

Nesse sentido, a partir das reflexões e pesquisa, percebemos a necessidade de discussão acerca do tema, bem como, uma formação específica na educação inclusiva para as docentes, tendo em vista, as dificuldades e desafios enfrentados pelas mesmas em sala de aula para incluir os alunos com deficiência. Foi evidenciado também a parceria professor titular da sala de aula, o professor do AEE e cuidador escolar, como meio para inclusão educacional das crianças com deficiência.

Palavras-chaves: Professores de educação especial. Educação inclusiva. Estudantes com deficiência.

ABSTRACT

This research aims to investigate the teaching performance in inclusive special education in an elementary school I, in the city of Aracoiaba (CE). Thus, it had as a problem, to analyze how the performance of teachers focused on inclusive special education in early childhood education in a public school in Aracoiaba. Its specific objectives are: To identify the main challenges faced by teachers in the implementation of Inclusive Special Education in a public elementary school in Aracoiaba; To verify the activities developed in the classroom by teachers, with attention focused on the inclusion and participation of children with disabilities; To describe the relationship between the regular classroom teacher, AEE teacher and school caregiver in the process of school inclusion. This work has a theoretical basis structured based on authors such as Nóvoa (1995), Meirieu (2005), Sassaki (1997), Mantoan (1997), PRADO e FREIRE (2001), Carneiro (2012), Fonseca (2021), OLIVEIRA (1996) and Gil (2002) and others who also research on the referred topic. The present study is classified as a qualitative bibliographic review, through which it seeks to address the research problem based on references already published, in addition to the use of field research with the use of a structured and semi-structured interview, which will serve as subsidies for the basis regarding the researched topic. The field study is of great relevance to our work, considering that in our research observations were carried out in the classroom, allowing us a vision and a greater idea about what we proposed to study. In this sense, from the reflections and research, we realized the need for discussion about the topic, as well as specific training in inclusive education for teachers, considering the difficulties and challenges faced by them in the classroom to include students with disabilities. The partnership between the classroom teacher, the AEE teacher and the school caregiver was also highlighted as a means for the educational inclusion of students: children with disabilities.

Keywords: Special education teachers. Inclusive education. Students with disabilities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 JUSTIFICATIVA	10
3 OBJETIVOS	13
3.1 OBJETIVO GERAL.....	13
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
5 METODOLOGIA	23
5.1 DA PESQUISA	26
6 CONCLUSÕES FINAIS	30
7 REFERÊNCIAS	31
APÊNDICES.....	32

1. INTRODUÇÃO

A inclusão escolar continua sendo um desafio no cenário educacional no Brasil, considerando que, as escolas em sua maioria, ainda não vivem uma realidade de inclusão de forma integrada. Nesse sentido, os professores, dentro de suas possibilidades e das dificuldades que se apresentam no contexto da sala de aula, buscam tornar a inclusão de alunos com deficiências uma realidade possível.

Nesse contexto, inserir os alunos com deficiências na sala regular de ensino não é propriamente incluir as crianças na escola, pois, a inclusão vai além de ocupar espaços, o mesmo se configura, por exemplo, na participação da rotina da sala de aula, nas atividades pensadas e realizadas por todos, sejam elas adaptadas ou não, nas brincadeiras que são feitas no intervalo e no modo de tratar as crianças. É necessário pensar nessa realidade social que faz parte da educação no nosso país e que vem gerando discussões, principalmente quando pensamos o papel do educador nesse processo de inclusão.

Deste modo, dentre as diversas questões que permeiam a nossa educação, se faz urgente pensar a atuação dos professores voltada à inclusão escolar dos alunos com deficiência, entendendo que há educadores de diferentes idades, formações e metodologias, que, influenciam na sua maneira de atuar na sala de aula, buscando assim, compreender o seu papel no processo de inclusão a partir de seus erros, acertos, suas dificuldades, falta de formação em alguns casos ou na sua boa atuação e busca por conhecimentos para realização de um bom trabalho.

Nesse contexto, pesquisar a respeito dessa problemática sobre a atuação docente voltada para a educação especial inclusiva, é de suma importância no cenário atual brasileiro de educação, pois, nos deparamos com uma formação acadêmica para educadores que em sua maioria não leva os estudantes a um estudo e problematização da educação especial em sala de aula, sendo apenas ofertada muitas vezes uma disciplina sobre o tema e sendo ela opcional, ou seja, uma temática que deveria ocupar mais espaço nas universidades, considerando a realidade do número de crianças com deficiência sendo matriculadas na escola, como nos sintetiza Santos (2007, p. 06) “a inclusão educacional de alunos com necessidades educacionais especiais está crescendo ativamente em número de matrículas a cada ano em nosso país o que exige, de nossos governantes, um total respeito às diversidades desses alunos.”

Desta maneira, se faz necessário pensar a partir do problema aqui pesquisado, que os professores precisam dentro de suas formações acadêmicas um estudo mais aprimorado voltado à inclusão escolar dos alunos com deficiências, para que assim, o mesmo consiga compreender melhor seus alunos e tenha dentro da realidade da sua sala e escola, meios que possa o ajudar em suas aulas. É, portanto, perceber que as dificuldades vivenciadas pelos educadores no processo de inclusão escolar, são em grande parte devido à falta de uma formação que abranja o tema em questão e que fazem com que os docentes muitas vezes não saibam como lidar com crianças com algum transtorno, influenciando na exclusão desse aluno.

Diante disso, as formações e a preparação do educador na área da educação inclusiva são de grande relevância para a capacitação dos professores, como vem ressaltar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDBEN) de 20 de Novembro de 1996. A referida lei enfatiza a significância dessas formações, para que os educadores possam estar preparados para as diferentes situações a que venha acontecer na sala ou escola, assim como, para melhor ensinar e direcionar o estudante no decorrer das aulas cotidianamente.

Nesse sentido, a presente pesquisa realiza uma investigação sobre a atuação docente voltada à educação especial inclusiva, analisando a partir de observações feitas em sala de aula das turmas da Educação Infantil de uma escola de Ensino Fundamental I, em Aracoiaba (CE), e entrevista realizada com as professoras titulares, identificando se houve inclusão das crianças atípicas nas atividades e rotina da sala de aula, como também, quais eram as maiores dificuldades enfrentadas pelas docentes. Entendendo que, essa temática precisa ser mais discutida nas formações iniciais e continuadas, bem como, nas escolas, entre os educadores, tendo em vista, os desafios e a preparação dos professores voltada à inclusão dos alunos. Além de, perceber que o processo de inclusão a partir do papel do educador está diretamente alinhado a sua formação acadêmica antes e durante sua trajetória na escola.

O estudo também propõe descrever a relação professor titular, professor AEE e cuidador escolar, entendendo que essa parceria entre os educadores têm ajudado e favorecido o planejamento de atividades que atenda as necessidades individuais dos alunos com deficiência, assim como sua participação nas mesmas. Essa colaboração além de apoio aos docentes titulares vem ampliando a inclusão dos estudantes, mesmo em meio aos desafios que se interpõem no dia a dia.

O presente estudo é classificado como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, por meio do qual procura abordar o problema da pesquisa a partir de referências já publicadas, além da utilização de pesquisa de campo com a utilização de uma entrevista

estruturada e semiestruturada, que servirá de subsídios para o embasamento a respeito do tema pesquisado. O estudo de campo é de grande relevância para nosso trabalho, considerando que em nossa pesquisa foram realizadas observações em sala, nos possibilitando uma visão e maior ideia a respeito do que nos propúnhamos a estudar.

2. JUSTIFICATIVA

A educação para pessoas com deficiências no Brasil sempre esteve marcada por estigmas e preconceitos. Com isso, a pouca discussão sobre a inclusão escolar dá espaço para o distanciamento de tal questão. Surgem, então, diversos desafios para os/as professores/as que precisam buscar uma formação continuada que consiga atender as necessidades educacionais dos/as alunos/as e adequar o espaço escolar de forma inclusiva, prevalecendo, desse modo, a diversidade em sala de aula, o respeito às diferenças e a garantia de direitos básicos que nos são assegurados pela Constituição Federal de 1988, como uma educação de qualidade e o pleno desenvolvimento das crianças.

A Educação Especial Inclusiva é de extrema importância, na qual se permite pensar o papel social desempenhado pelas escolas, no caso, a instituição de ensino fundamental no município de Aracoiaba, levando em consideração a atuação do professor voltada a Educação Especial Inclusiva. A discussão em torno da

inclusão educacional, na prática escolar, tem provocado diversas reflexões dos docentes que se veem diante de inúmeros fatores, como a falta de materiais didáticos, formação inicial e continuada, estrutura física, participação da família e da sociedade, assim como uma formação voltada ao público específico do AEE como nos sintetiza Fonseca (2021, p. 54), “além de obter conhecimentos sobre processos educativos, deve igualmente conhecer, compreender e intervir em questões educativas envolvendo as condições de deficiência e/ou as dificuldades de sua clientela”.

Nesse sentido, ao pesquisar atuação de professores na educação especial inclusiva, assim como a inclusão escolar dos alunos que atendem a esse público, é também pensar a sua formação e desempenho profissional adequada à realidade social dos alunos, de modo a "encontrar novos caminhos, novas formas de exercer o ato educativo, considerando as múltiplas e diversas formas de aprender e toda a diversidade do desenvolvimento humano marcada pelas condições biopsicossociais" (Oliveira, 2018, p. 29).

É importante compreender que a Educação Especial inclusiva se realiza através do trabalho desenvolvido pelos professores em sala de aula, bem como, da parceria professor e cuidador escolar, professor da sala comum e professor do AEE, família e comunidade escolar, ou seja, uma rede de inclusão que fortalece a escola e possibilita que haja um trabalho de integração. Por meio desta pesquisa, pretende-se analisar como se dá a atuação dos docentes, voltada à Educação Especial Inclusiva na educação infantil de uma escola pública de Aracoiaba (CE).

Frente a essas questões explico que o meu interesse por esta pesquisa ocorreu a partir de experiências pessoais, pois sempre gostei de estudar e tentar saber um pouco mais a respeito das deficiências e sua relação com o ensino aprendizagem, como também, da inclusão escolar a partir do papel do professor. Sempre me chamava à atenção a falta de discussão sobre esse tema e como os professores eram formados e atuavam na integração dos alunos que têm alguma deficiência. Foi no processo de leitura e questionamentos sobre o papel do docente em sala de aula, voltada à educação inclusiva que surgiu o interesse em pesquisar sobre o tema, pois, como futura pedagoga, anseio passar por tais problemas e percebo o quanto os educadores precisam de uma formação que atenda o seu público escolar.

Outra motivação pela escolha do tema surgiu através do meu ingresso no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) campus Ceará, mais especificamente nas oficinas que eram realizadas dentro da Semana Universitária, sendo que em um desses momentos tive o prazer de ouvir a minha orientadora Profa. Dra. Geranilde Costa que estava falando um pouco sobre a sua relação com a educação especial inclusiva na sua vida, profissão e em seu contexto histórico. Com isso, comecei a me apaixonar pela temática e querer aprender mais e foi ali que me imaginei atuando nessa área. Quando iniciei o curso do BHU tudo era muito novo para mim, o ambiente da universidade em si era um lugar muito diferente da minha realidade social, as pessoas eram bastante diversas, as roupas, as relações, religiosidades e a linguagem dos/as estudantes estrangeiros/as, então tudo isso em um primeiro momento me assustou.

A partir do contato com esse ambiente novo e o desconforto com as diferentes culturas e pessoas no espaço da universidade, percebo o quanto o preconceito e racismo estavam enraizados no meu pensamento,

falas e atitudes. Nesse sentido, ao participar de disciplinas voltadas a temática da religiosidade e diferentes culturas, começo a aprender a escutar, a estudar sobre essas questões e acima de tudo compreender como o meu preconceito poderia afetar outras pessoas que nem sequer conhecia, me faltando assim, o conhecimento sobre esses sujeitos. Conhecimento esse que se faz necessário em minha formação como pedagoga, pois, dentro da sala de aula irei lecionar para todos e deste modo, preciso conhecer a diversidade religiosa que caracteriza nosso país, respeitando e ensinando as crianças o respeito ao outro.

Só a partir do segundo semestre, em que estava um pouco mais adaptada ao espaço universitário, que comecei a entender que havia pessoas com culturas diversas e que seguiam normas diferentes as minhas, falo isso porque tive um bloqueio e preconceito em relação aos/as discentes que seguiam religiões de matrizes africanas, algo que me fez questionar meu lugar na faculdade, pois, não fazia muito sentido o que eu aprendia naquele ambiente para as minhas experiências pessoais e escolares. Com isso, tive dúvidas quanto a minha permanência na Unilab, pois passei a ter contato com temas abordando relações étnico raciais, questões de gênero, religiosidades, algo bem distante da minha experiência escola.

Mas foi a partir do contato com a temática da Educação Especial Inclusiva que passo a ter outro olhar a respeito da docência, pois começo a me ver mais dentro do curso de Pedagogia (que pretendia ingressar) e é nesse momento que decido permanecer no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU), e no ano de 2019 decidi realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tratando da Educação Especial Inclusiva em Aracoiaba (CE). Ao começar a escrita de meu projeto de pesquisa muitos questionamentos me vieram, em destaque para o que vejo e observo na escola, e já avalio que muito precisa ser feito e refeito, pois estamos muito longe de alcançar a inclusão dos alunos/as deficientes.

Em uma das observações na escola algo me chamou atenção, que foi o fato de uma aluna que tem Síndrome de Down¹ ficar de fora de uma atividade realizada pelo/a professor nas atividades de educação física. Foi realizada uma brincadeira em que as crianças tinham que pular uma corda segurada por outros 02 (dois) alunos/as e depois passar por um obstáculo, era uma atividade que eu acredito que ela conseguia fazer, mas mesmo assim o professor não a incentivou a realizar. Logo em seguida o questionei se a aluna em questão iria participar, mas ele respondeu que ela não gostava das atividades propostas e nunca participava. No entanto, posteriormente ele a chama para participar da brincadeira, ela aceita e tem êxito.

Após a conclusão do BHU, no ano de 2019, por iniciativa própria procuro aprimorar meus conhecimentos e conhecer mais sobre a temática da Educação Especial Inclusiva realizando cursos via internet, assistindo lives de profissionais na área e lendo artigos. Ao iniciar a Pedagogia em 2019, que era meu grande sonho, sinto que na condição de futura professora preciso estar apta a trabalhar da melhor forma possível para contemplar a diversidade da sala de aula, pois, é de conhecimento geral que a realidade da escola pública é difícil. Situação essa que ocorre, seja ela pela falta de assistência e/ou apoio pedagógico, recursos financeiros, superlotação das salas de aulas e/ou ausência de profissionais da área da Educação Especial Inclusiva para colaborar junto aos/as professores/as no dia a dia da escola ou pelo fato das graduações muitas vezes não darem uma maior ênfase em uma formação mais específica sobre a temática da inclusão escolar.

Em abril de 2022, inicio uma jornada de desafios e muitas aprendizagens em minha vida profissional,

esse se caracteriza o momento que começo a atuar na Creche Nilo Alves de Oliveira, na cidade de Aracoiaba, no cargo de cuidadora. O primeiro momento foi muito desafiador, porque não tinha nenhuma experiência em sala de aula e mais ainda com uma criança que tivesse alguma deficiência física e/ou cognitiva, o que exigiria de mim preparo e pesquisa para saber como agir e a melhor forma de me comunicar com a criança que seria cuidadora.

Destaque que a criança que era cuidadora, ela tem Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), que se caracteriza como um distúrbio do neurodesenvolvimento, nesse sentido, esse estudante inicialmente era muito quieta, não se comunicava muito comigo e os/as colegas, não demonstrava afeto, faltava bastante às aulas, pois, tinha outras complicações de saúde e foi um pouco complicado conseguir ter a confiança dele para começar um processo de interação, mas felizmente consegui, sempre respeitando o espaço e tempo dele.

Ao longo do ano letivo tive oportunidade de estar apenas uma vez em uma formação dada pela Secretária Municipal de Educação (SME) de Aracoiaba, que tinha como formadora uma neuropsicopedagoga e psicóloga que trouxe muitas informações relevantes sobre o cuidado, atenção, compreensão dos diferentes transtornos e suas características, e sobre a autonomia que precisamos dar às crianças nos momentos das refeições e em sala de aula, também nos trouxe a compreensão de que independente da deficiência que a criança apresente ela pode aprender como as demais crianças, em tempos e maneiras diferentes, mas passível de aprender.

Percebo que é de suma importância que haja formações para que todos os/as profissionais possam ter noção e saberem lidar com as crianças com deficiência e até mesmo com as que não têm deficiência, pois são conhecimentos que nos torna mais humanos, compreensivos, competentes e capazes de compreender que cada criança tem sua subjetividade e que aprendem de maneiras e tempo diferentes. Todavia, se faz necessário que essas formações aconteçam ao longo do ano e que todos os profissionais da escola participem, pois a escola se faz a partir de toda comunidade escolar.

A partir dessa e de outras experiências, passei a valorizar a Educação Especial Inclusiva, e desde então, venho pesquisando e tenho por objetivo pesquisar neste trabalho ainda mais a respeito dessa temática de grande importância para se pensar uma educação de qualidade e inclusiva. Tendo por referência as questões aqui expostas é que tenho como pergunta de pesquisa: *Como se dá a atuação dos/as docentes voltadas à Educação Especial Inclusiva na educação infantil de uma escola pública de Aracoiaba (CE)?*

Logo abaixo apresentamos os objetivos desta pesquisa.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como se dá a atuação dos/as docentes voltada à Educação Especial Inclusiva na educação infantil de uma Escola pública de Aracoiaba (CE).

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os principais desafios enfrentados pelas docentes na concretização da Educação Especial Inclusiva em uma escola pública de ensino fundamental I de Aracoiaba.
- Verificar as atividades desenvolvidas na sala de aula pelas professoras, com atenção voltada à inserção e participação das crianças com deficiência.
- Descrever a relação professor da sala comum, professor AEE e cuidador escolar no processo de inclusão escolar.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa sobre atuação docente voltada à Educação Especial Inclusiva em uma escola de ensino da educação infantil do município de Aracoiaba, surge com o propósito de compreendermos os desafios e dificuldades enfrentadas pelos docentes dentro da sala de aula para incluir os alunos com deficiência, assim como, perceber as mudanças que ocorreram ao longo dos anos na Educação Especial Inclusiva que serviu de apoio para os professores no processo de inclusão escolar. Desta forma, serão observadas suas metodologias de ensino em sala de aula, rotina escolar, atividades e momentos do brincar, assim como, o papel do cuidador escolar, bem como, do professor especializado em educação especial, juntamente com o professor titular em sala, e por fim, as entrevistas que serão feitas com as professoras titulares da Creche e pré- escola.

A educação especial inclusiva carrega em si grandes desafios em sua efetivação nas escolas, e isso se deve em parte à falta de estrutura adequada nas instituições escolares para atender as pessoas com deficiência, como, do despreparo e falta de formação inicial e continuada de uma parcela dos professores frente às diferenças e dificuldades educacionais dos alunos que configuram a sala regular de ensino. Dito isso, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei nº 9.394/1996, Art. 62 é instituído a formação do professor brasileiro o seguinte:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, 1996).

Fundamentado nessa reflexão, essa formação superior amparada pelas legislações brasileiras vem conferir a importância da formação inicial e também continuada dos profissionais da educação, fazendo com que os mesmos tenham através dos cursos de graduação uma formação reflexiva e crítica, no qual busque estabelecer na sala de aula um espaço de acolhimento, inclusão e respeito às diferenças. Tudo isso só é possível

se os cursos de licenciatura dentro da sua grade curricular permita que os professores estudem a realidade social dos estudantes ao longo dos anos para ter acesso à educação especial inclusiva em nosso país, sendo formado para atuar na sala de aula onde todos possam aprender a seu modo e tempo, mas apto à aprendizagem, assim como as demais crianças ditas “normais”, por meio da intervenção e condução de educadores mais qualificados.

4.1 Escola - espaço multicultural

A escola espaço instituído como lugar do aprender e saber deve em sua proposta reconhecer a diversidade existente entre os alunos, possibilitando seu acesso à mesma sem que sejam limitados pela deficiência física ou psicológica, sendo sua prática pedagógica voltada à inclusão de forma integrada a todos, sem fazer-se distinção de sua etnia, credo ou condição social, onde possam estabelecer relações mais humanas entre os alunos, conferindo-lhes maiores perspectivas na vida, sendo assegurada uma educação de qualidade e claro, melhores condições de trabalho para os professores, pois, a falta de estrutura adequada nas escolas, se enquadra como um dos motivos para que o processo de inclusão ocorra. Segundo a linha de raciocínio de Meirieu (2005, p.44) sobre o papel da escola destaca:

Abrir a Escola para todos não é uma escolha entre outras: é a própria vocação dessa instituição, uma exigência consubstancial de sua existência, plenamente coerente com seu princípio fundamental. Uma escola que exclui não é uma escola [...]. A Escola, propriamente, é uma instituição aberta a todas as crianças, uma instituição que tem a preocupação de não descartar ninguém, de fazer com que se compartilhem os saberes que ela deve ensinar a todos. Sem nenhuma reserva. (Meirieu, 2002, p. 44).

Assim, para Meirieu (2002, p.175), a escola tem o papel social de reconhecer a pluralidade que a compõem, permitindo assim que a inclusão seja possível para aqueles que vivenciam a exclusão em razão dos preconceitos estabelecidos na sociedade, fazendo reconhecer que a escola além de aprimorar conhecimento, é lugar de troca de saberes mais humanos, que possibilita-nos entender que a mesma deve em seu projeto assegurarem o respeito às diferenças com total participação dos educadores em colaboração com a comunidade para que a questão não se limite apenas ao espaço da escola mais sim ganhe outros espaços de discussão.

As ações promovidas pelas instituições escolares em seu projeto inicial devem incutir a criação de discussões, no qual professores e comunidade escolar pensem juntamente a respeito da educação inclusiva nas classes regulares, sendo desta forma um trabalho em conjunto, pois dificilmente se educa uma criança sem a participação da família, que no caso das crianças com deficiência isso se torna algo ainda mais difícil devido às limitações ocasionadas pela doença e também pelo preconceito que é sofrido nas escolas e em outros meios pelas pessoas com deficiências na sociedade brasileira.

Desta forma, destaco o pensamento de Meirieu (2002, p.34) que diz o seguinte em torno da educação escolar: “[...] descobrir novos meios para que a educação seja um lugar de partilha e não de exclusão”. Para tal

discussão mencionada acima como meio de debater a exclusão que ocorre com as pessoas deficientes é necessário um questionamento por parte da instituição acerca de sua atuação ante a questão inclusiva, buscando uma reflexão sobre a participação da comunidade, em que seja colocada de maneira explicativa para que todos da população possam compreender como que a pessoa deficiente está sendo inserida na classe regular na escola de ensino fundamental do município de Aracoiaba, levando em consideração o papel do docente na integração dos alunos.

Destaco aqui o pensamento de Nóvoa (1995, p.25), em relação à formação de professores no reconhecimento das deficiências: A formação não se constroi por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência [...]. Práticas de formação que tomem como referências as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores. (Nóvoa, 1995, p. 25).

4.2 O professor e a educação especial

Segundo Prado e Freire (2001) o professor formado em educação especial tem um conhecimento aprimorado das deficiências que cada estudante possui, sendo o/a profissional responsável de fazer o reconhecimento de tais dificuldades educacionais sem que haja uma separação dentro da sala de aula e que sejam reconhecidas prováveis competências que cada aluno possa ter. A Educação Especial Inclusiva exige dos/as docentes um trabalho árduo em que sejam respeitados no mesmo espaço a realidade de cada pessoa, pois, apesar da sala de aula ser garantida juridicamente á todos de forma integrada, sabe-se que as dificuldades, sejam elas físicas ou psíquicas dos alunos ou até mesmo a falta de recursos na instituição interfere na maneira que o professor irá desenvolver sua aula, desta forma segundo Prado (2001) e Freire (2001) em sua linha de pensamento vem dizer o seguinte a respeito da atuação docente no ensino especial: Cabe a ele, a partir de observações criteriosas, ajustar suas intervenções pedagógicas ao processo de aprendizagem dos diferentes alunos, de modo que lhes possibilite um ganho significativo do ponto de vista educacional, afetivo e sociocultural (Prado e Freire, 2001, p. 5).

Diante das ideias apresentadas pelos autores fica evidente que os docentes precisam desenvolver diferentes maneiras de educar as crianças, sejam elas com deficiências ou não, sendo, portanto sempre respeitado o seu tempo, espaço e subjetividade.

A educação, historicamente, é marcada por exclusões de diferentes grupos sociais marginalizados pela sociedade. As pessoas com deficiência, doenças mentais, problemas neurológicos, entre outros, faziam parte do grupo dos excluídos das políticas públicas em nosso país, sendo por muito tempo negado seu direito de estudar e ocupar o espaço normativo de ensino com as demais crianças ditas “normais”.

Nesse sentido, não bastava apenas proibir esses sujeitos de ocupar certos espaços na sociedade da

época, mas também, usar de estereótipos para se referir a essas pessoas. Houve um período na história, conhecido como Idade Pré-Cristã, em que as crianças nascidas com alguma anomalia eram abandonadas por suas famílias na fase adulta, assim como, eram consideradas seres diabólicos ou e em casos extremos eram mortas asfixiadas após seu nascimento.

Só a partir do final do século XIX até meados do século XX, que se evidencia uma nova fase de entendimento a respeito desses indivíduos em sociedade, buscando assim a redução de sua exclusão em contrapartida, dando destaque aos direitos que lhes são essenciais para viver sua plena cidadania.

Com a iminente busca de integração e a conquista de direitos por pessoas com deficiência, em especial, o de estudar na sala regular de ensino com outros estudantes, fazem com que a educação especial inclusiva se torne uma realidade no cenário educacional no Brasil, tornando-se assim, um avanço para educação em nosso país.

Na educação inclusiva, as pessoas com deficiência que ainda podiam estudar, frequentavam lugares específicos no qual se resumia a poucos números de alunos, sintetizo aqui um pensamento acerca dessa realidade, em que Gatti (2009), vem resumir a realidade educacional no ano de 1970, em que os projetos em torno da educação em vigor nas escolas não tinham em suas propostas um ensino voltado a todos no espaço escolar, sendo, portanto, desenvolvido maiores desigualdades entre as pessoas. A exclusão que ocorre com as pessoas com deficiência, assim como acontece com outras minorias sociais no nosso país sempre existiram, no quais espaços e posições de destaque são negados em razão de um pensamento discriminatório que acompanha nossa história até os dias atuais, sendo, portanto, a falta de políticas públicas e de debate nas escolas um dos fatores que contribuem ainda mais com a discriminação.

A importância de se pesquisar a atuação de professores no ensino inclusivo na escola fundamental do município de Aracoiaba é de compreender que a deficiência não deve ser entendida como empecilho na vida escolar de tais alunos, e que o professor em seu papel de educador enxergue a dificuldade educacional de cada criança e permitam a esses educandos obter uma escolarização mais humana e inclusiva. Desta maneira, o docente precisa atender às diversas possibilidades encontradas nos alunos, exercendo um trabalho diversificado no quais todos se reconheçam em suas diferenças, onde o respeito seja promovido por ações demonstradas pelos mesmos para que tal ação seja reconhecida e propagada pelos aprendentes, para tanto, se faz necessário um ensino em que: [...] deve se pautar no respeito e no convívio com as diferenças, preparando os educandos para uma sociedade mais justa e solidária, contrária a todos os tipos de discriminação [...] Os professores precisam tratar das relações entre os alunos.

A educação inclusiva perpassa enormes desafios nas escolas, por se tratar de uma questão ainda sem grandes discussões no espaço escolar. Com isso, surgem alguns temas que merecem reflexão, no qual destaco os seguintes: a formação docente na educação inclusiva e educação especial, os preconceitos em relação à deficiência, a integração plena na classe regular e, por fim, a relação da comunidade no trabalho inclusivo. Dito isto, evidencio aqui um pensamento em relação à figura do professor que detém papel principal no processo de inclusão:

[...] considerar os educadores e educadoras nos seus contextos de sujeitos socioculturais, que trazem em suas trajetórias marcas e características próprias particularidades que estarão presentes numa determinada forma de olhar o mundo, de se permitir analisar as lógicas da realidade e, claro, de conceber a educação. (Diniz e Rahme, 2004, p.130).

No plano da educação inclusiva, as pessoas com deficiência são vistas de maneira extremamente errônea em nosso país, isso em razão das diferenças que possuem, desta forma, trazem consigo sua luta por uma escolarização mais inclusa, com as devidas questões que merecem ser ouvidas, sempre pautando que o preconceito não seja mais uma realidade nas escolas e que a relação entre os alunos possa acontecer de forma respeitosa, sem machucar o outro em sua diferença em relação a sua. Sendo importante ressaltar que o ensino inclusivo tem como proposta visualizar todos, independente de qualquer coisa, sem fazer separação, possibilitando aos educadores um olhar aprimorado das necessidades que cercam os alunos, nesse sentido, aponto para a importância de se pensar uma formação interdisciplinar, que traga o aluno e suas subjetividades como centro da educação, no qual o PARECER CNE/CP 009/2001 vem trazer ao longo de seu texto por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena e através dos princípios para uma reforma na formação dos professores na educação básica.

A Educação Básica deve ser inclusiva, no sentido de atender a uma política de integração dos alunos com necessidades educacionais especiais nas classes comuns dos sistemas de ensino. Isso exige que a formação dos professores das diferentes etapas da Educação Básica inclua conhecimentos relativos à educação desses alunos. (BRASIL, 2001, p. 25-26). No estudo inclusivo, deve-se primeiro entender o real significado do que é inclusão, sendo, portanto explicado por Sassaki (1997, p. 41), que vem dizer o seguinte: “é um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidade especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”.

A educação, deste modo, deve se pautar no reconhecimento das necessidades educacionais dos alunos, trabalhando a partir da possibilidade de cada um, sendo do professor o principal papel para este processo.

4.3 Parceria professor titular e professor do AEE

De acordo com Mantoan (1997), o processo de inclusão deve causar uma mudança de visão na educação, pois a mesma não se predispõe somente a ajudar as crianças com deficiências ou dificuldades escolares, mas favorece todos os profissionais da escola: como professores, alunos, gestão e toda comunidade escolar, para que a instituição tenha êxito em seu ensino aprendizagem.

Nesse sentido, o pensamento acima vem sintetizar que ao pensar e trabalhar numa perspectiva inclusiva, toda a escola é favorecida, bem como, esse trabalho acontece a partir da ação de toda a comunidade escolar. O trabalho colaborativo da professora titular e professora do AEE, em questão, se apresenta como uma estratégia e grande contribuição para que o processo de inclusão educacional mencionado pelo autor acima se torne uma realidade nas escolas.

Segundo pesquisa realizada por Bueno (2002), a respeito da formação de professores no Brasil para a área da Educação Especial, nos indicam que das 58 universidades que foram investigadas, tão somente 39,7 possuem formação na área. Desse modo, esse indicativo pode ser considerado como preocupante se analisarmos a grande demanda de alunos com algum transtorno ou deficiência sendo matriculados na escola e que precisam de uma maior assistência e atenção no sentido de incluir esses alunos.

A sala de recursos multifuncionais, comumente associado ao AEE (Atendimento Educacional Especializado), é uma sala com recursos e materiais lúdicos pedagógicos que recebe crianças diagnosticadas com algum transtorno, deficiência ou crianças com altas habilidades e superdotação. Nessa sala é oferecido por um especialista formado na área da educação especial, atendimento voltado a superar as barreiras comportamentais, de interação social, assim como, da aprendizagem, já que são trabalhados conceitos e atividades a partir da dificuldade educacional do aluno na sala comum.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) se apresenta como uma proposta que vem complementar a sala de aula convencional, ao trabalhar em parceria com o professor titular, fornecendo ideias, estratégias, bem como, na construção de materiais pedagógicos. De acordo com o documento Educação Inclusiva – Atendimento Educacional Especializado, MEC (2005), podemos entender o AEE da seguinte maneira:

É um direito de todos os alunos que necessitam de uma complementação e precisa ser aceito por seus pais ou responsáveis e ou pelo próprio aluno. O atendimento educacional especializado deve ser oferecido em horários distintos das aulas da escola comum, com outros objetivos, metas e procedimentos educacionais. As ações do atendimento educacional são definidas conforme o tipo da deficiência (MEC/SEESP, 2005, p. 9).

Nesse contexto, o professor especializado que atende as crianças precisa estudar e desenvolver atividades a partir da deficiência de seu aluno, buscando assim, o seu pleno desenvolvimento, além de, trabalhar estratégias considerando o que o aluno precisa. O atendimento nesse caso limita-se ao espaço da sala do AEE, mas, em contrapartida, em uma escola do município de Aracoiaba (CE), a professora especializada dialoga frequentemente com a docente titular e está presente semanalmente nas salas comuns fazendo um trabalho de feedback dos avanços e dificuldades dos alunos.

Ao realizar as observações do trabalho docente voltada à inclusão educacional na escola, pude perceber que os profissionais da sala convencional e AEE mantêm sempre um diálogo a respeito das dificuldades apresentadas nas salas, tirando dúvidas e buscando meios para ajudar as crianças que desenvolveram pouco nos atendimentos.

Essa parceria apesar de ser um fator muito necessário e benéfico aos alunos e escola, muitas vezes não obtém o reconhecimento e comprometimento ideal que deveria receber por parte das famílias. Em contrapartida, percebe-se que as crianças que são atendidas gostam do atendimento, pedindo sempre inclusive para ir para sala. As mesmas são atendidas no contra turno de forma individual com duração de 50 minutos.

A professora especializada atende os estudantes de segunda à quinta-feira, e planeja na sexta-feira, em uma sala adaptada de acordo com a realidade da escola, e os recursos que são usados para trabalhar com os

discentes foram confeccionados por ela e outra profissional da instituição. Por dia são atendidas quatro crianças, com os seguintes transtornos e/ou deficiência: Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Paralisia Cerebral, Epilepsia, Perda Auditiva e Síndrome de Down.

De acordo com a profissional são trabalhados em seu atendimento o comportamento dos alunos, aprendizado, socialização e interação, focando na dificuldade que cada um tem, com isso, são usados instrumentais de registros de todo trabalho realizado no atendimento. Segundo a mesma, são oferecidas formações na secretaria de educação e no NAPE (Núcleo de Apoio Psicopedagógico), de dois em dois meses ou mensalmente. A docente relatou que dentre as crianças que ela atende, a mais complexa seria a que tem perda auditiva, mesmo a criança usando aparelho auditivo e sendo oralizada.

Nesse sentido, ao presenciar todas as dificuldades enfrentadas em sala pelas docentes, se faz tão necessário pensar a importância que o atendimento educacional especializado tem na instituição escolar e como o profissional especializado que atende é um grande facilitador e apoio nesse processo de inclusão para uma educação especial inclusiva em uma escola de ensino fundamental I, em Aracoiaba (CE).

4.4 Professor e cuidador escolar

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), vem afirmar que todas as crianças de 4 a 17 anos devem ser matriculadas na escola de ensino regular, incluindo desta maneira, crianças com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades. Nesse sentido, com o aumento do número de alunos matriculados na sala regular ao longo dos anos e a diversidade desses sujeitos na escola, surge então, a necessidade de se pensar em um profissional que pudesse ajudar os professores que se veem sobrecarregados de responsabilidades, como por exemplo, o cuidado mais atento às crianças com alguma deficiência.

De acordo com a Lei n ° 13. 146, de 06 de Julho de 2015, em seu artigo 3º, intitulado como a Lei de Inclusão, podemos entender como atribuições do cuidador escolar:

XIII – profissional de apoio escolar, pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituição públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas.

Nesse sentido, a referida legislação vem reafirmar a importância do cuidador escolar como auxílio para o aluno que tem deficiência, como também, para os professores e outros funcionários da escola, que muitas vezes não sabe se aproximar da criança ou compreendê-la, não que, o cuidador saiba de tudo sobre o aluno, pois sabemos que a realidade se apresenta de uma forma diferente, mas, por estarem todos os dias com aquela criança, já facilita seu entendimento sobre ela, seu jeito, seus gostos, medos, etc.

Ao pensarmos nos desafios enfrentados atualmente pelos educadores nas escolas, certamente, a inclusão de alunos com deficiência estaria na lista, pois, o que se apresenta nas observações que foram realizadas em uma escola de ensino fundamental I, em Aracoiaba Ce, é a eminente preocupação das docentes

em relação ao que fazer ou como fazer para incluir os estudantes com deficiência, com o mínimo que a escola oferta de materiais didáticos diversificados e adaptados aos alunos com deficiência. Além de, como as mesmas relatam a falta de formação específica para compreender melhor seus alunos, sobre como reagir a certas situações extremas, sem que afete as demais crianças.

Outra questão observada foi que, as cuidadoras da escola, todas elas mulheres, são muito prestativas e responsáveis com as crianças cuidadas por elas, fazendo o seu trabalho de assistência na higiene ao levar os estudantes ao banheiro, como também, ajudar os alunos com dificuldade na alimentação, assim como, nas atividades e nos momentos de sentar em roda.

Percebe-se também que, não há por parte das cuidadoras uma formação, orientação ou mesmo recursos didáticos e espaço adequado na instituição para se trabalhar com as crianças com deficiência.

Dado isso, também foi notado que os profissionais possuem uma boa parceria de trabalho, sempre se comunicando e se ajudando para que consigam desenvolver um bom trabalho. É importante salientar que as salas tanto da creche como pré-escola possuem apenas uma cuidadora para mais de uma criança com laudo, ou seja, são muitas responsabilidades para uma única pessoa que precisa cuidar de todos com diferentes dificuldades e especificidades.

Foi relatado pelas profissionais cuidadoras que as mesmas sabiam muito pouco a respeito da deficiência de seus alunos e que as estratégias usadas para acalmar ou ajudar esses estudantes em sala eram a partir de suas vivências em sala com eles, ou pelo pouco que aprendiam nas formações que acontecem uma vez a cada semestre na secretaria de educação do município de Aracoiaba.

Pensando nessa problemática enfrentada pelas cuidadoras, entende-se que, enquanto a escola ou a secretaria não pensar a formação especializada dessas profissionais, bem como, das professoras titulares, como algo prioritário para a inclusão dos estudantes com deficiência, as crianças continuarão a ser excluídas das atividades em sala de aula, acontecendo o inverso do que sintetiza Carneiro (2012), ao pensar a escola inclusiva, no qual: “a construção de um ambiente inclusivo propicia condições para que todos os envolvidos no processo educacional possam dirigir a atenção sobre si mesmos e escutar o outro.” (p. 93).

Ao ir a campo e fazer o trabalho de observação de toda rotina escolar e atividades trabalhadas em sala, pude perceber que as professoras realizam as mesmas atividades para todas as crianças e aquelas que apresentam uma maior resistência ou dificuldade na sua realização é respeitado seu tempo, bem como, as cuidadoras auxiliam na tarefa.

Nos momentos de roda, foi percebido que algumas crianças autistas apresentaram resistência para sentar e participar do momento, se sentando com ajuda das cuidadoras, e já outra criança bastante apegada e “dependente” da cuidadora, a todo momento fica atrás da profissional e quer toda atenção para si, só se alimenta com ajuda da cuidadora, mesmo profissional afirmando que a criança não precisa dessa assistência e que a mesma tem esses hábitos em casa e a mãe não incentiva a criança a ter autonomia.

As salas só possuem uma cuidadora para mais de um aluno laudado, com isso, essas profissionais precisam dar assistência e atender a todos, com diferentes necessidades. Além de trabalhar para ajudar os alunos, as cuidadoras em uma escola de Aracoiaba, muitas vezes se veem sobrecarregadas para conseguir

cuidar de todos os discentes, com poucos recursos disponíveis.

Apesar dessas barreiras interpostas, tanto a cuidadora como a educadora, buscam juntamente com o apoio educacional dentro das possibilidades e os recursos mínimos colaborarem para que esses estudantes possam participar da aula e aprender como as demais.

Nesse contexto, é que pensamos a educação especial inclusiva, a partir da colaboração de professoras e cuidador escolar, como meio de inclusão educacional, em que o trabalho coletivo vem trazer ao docente a possibilidade de ensinar a todos os alunos com diferentes dificuldades e aprendizagens.

4.5 Leis que asseguram a Educação Especial Inclusiva

O ensino voltado às pessoas com deficiência no Brasil começa sua institucionalização a partir do ano de 1961 por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 4.024/61, no qual possibilita aos mesmos o direito de estudar na escola regular. Mais ocorre que posteriormente uma alteração na LDBEN de 1961, vigora a lei nº 5.692/71, que vai enfatizar que essas mesmas pessoas que tinham sido reconhecidas em um espaço para todos, deveria ter um local apropriado a sua aprendizagem, em que as dificuldades educacionais e também as capacidades intelectuais fossem trabalhadas de maneira específica e adequadas ao seu problema.

A Educação Inclusiva tem com “A Política Nacional de Educação Especial numa perspectiva inclusiva” (2008) um grande ganho significativo a toda população com deficiência no país, pois após sua criação é possíveis a todas essas pessoas o direito tão necessário de entrarem na escola de ensino regular que é e sempre foi uma luta nas políticas inclusivas no país. Por meio dessa política, também são enaltecidos a importância de se discutir e pensar a questão inclusiva e procurar inserir um debate entre todas as esferas da sociedade.

A educação inclusiva tem na década de 90 grandes marcos que vão dar assistência ao seu projeto de implementação nas escolas, no qual destaco a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), Declaração de Salamanca (1994) e a Conferência Mundial de Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade (1994) que vem discutir através da ação coletiva de diversos países nesse evento, que tais problemas de acesso à educação no espaço regular pelas pessoas deficientes ocorrem devidos um preconceito estabelecido e falta de políticas públicas para os mesmos.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), através do inciso 3º, do art. 208, da Constituição Federal/1988 e determinado pelo 81º, art.2º, do Decreto nº 7.611/2011 vai constituir o AEE como meio de possibilitar às pessoas deficientes auxílio pedagógico em sua vida escolar, sendo, portanto ministrado uma coordenação conjunta com a escola e também família para um melhor resultado possível na implantação de seus métodos de ensino. Desta forma destaco o que está descrito no trabalho do atendimento educacional especializado presente na LDB (2011):

O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação

dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público alvo da educação especial, e ser realizada em articulação com as demais políticas públicas (BRASIL, LDB, 2011).

Por meio desse projeto de lei instaurado no Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas abriu-se caminho para se pensar uma ideia de inclusão totalmente diferente daquela proposta de 1973 na LDB, em que a educação excluía mais do que incluía as pessoas com deficiência por acreditar que sua escolarização deveria ser proposta de maneira restrita, já com o AEE, se torna possível ao aluno deficiente está na classe regular e receber o atendimento especializado para desenvolver melhor suas competências, ao mesmo tempo a sua inclusão.

O Atendimento Educacional Especializado tem em uma de suas propostas permitir ao estudante com deficiência em nosso país o acompanhamento do AEE até as etapas do ensino superior, tornando possível que tais pessoas possam ingressar numa universidade mesmo com todas as barreiras impostas pela sociedade e a falta de acessibilidade em alguns casos. Esse projeto além de dar formação aos professores para realizarem um trabalho direcionado às dificuldades dos educandos na classe regular, desenvolve nas crianças um aprendizado muito importante, que é o respeito ao outro, e mais que isso o entendimento da diversidade que constitui todos nós.

Na lei nº 11.494, de 20 de Dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação de uma maneira geral é inserida juridicamente nas escolas como responsabilidade de todos, visando desta forma, uma escolarização para os alunos por meio da participação tanto dos estados e municípios, como da família dos alunos, para desde já assegurar sua inserção na sociedade, ao mesmo tempo em que permite outros sujeitos sociais participarem da construção de uma educação melhor.

Com base na lei nº 11.494/96, no art. 205 da CF/1988 sintetizo o seguinte: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996). Para concluir a nossa pesquisa acerca da atuação docente na escola de ensino fundamental no município de Aracoiaba, enfatizo que o trabalho tem como proposta a observação em torno da atuação dos professores na educação inclusiva juntamente com a participação da comunidade escolar, e como a instituição escolar enxerga as pessoas com deficiência.

5. METODOLOGIA

O presente estudo é classificado como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, por meio do qual procura abordar o problema da pesquisa a partir de referências já publicadas, além da utilização de pesquisa de campo com a aplicação de uma entrevista estruturada e semiestruturada, que servirá de subsídios para o embasamento a respeito do tema pesquisado.

O estudo de campo é de grande relevância para nosso trabalho, considerando que em nossa pesquisa foram realizadas observações em sala, nos possibilitando uma visão e maior ideia a respeito do que nos

propúnhamos a estudar. Segundo Gil (2002), a pesquisa é desenvolvida e produzida por meio da observação direta da prática educacional das professoras em sala de aula, bem como, de entrevistas realizadas com as docentes para compreendermos como ocorre a inclusão de alunos com deficiência na instituição de ensino. Sendo este tipo de pesquisa a que consideramos a mais apropriada para alcançar nossos objetivos.

Ainda segundo Gil (2002), no estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente para explorar o máximo de conhecimento possível sobre o assunto pesquisado, pois, evidencia a importância do pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo.

Também é exigida do pesquisador sua permanência na escola o tempo que for necessário para acompanhar a atuação dos docentes voltada a educação especial inclusiva, pois somente com sua inserção na realidade escolar da sala de aula, tal como, seu contato direto com as educadoras, podemos compreender o processo de inclusão educacional na instituição de ensino, assim como, identificar os desafios vivenciados no dia a dia na escola pelas professoras.

O estudo é de cunho descritivo e qualitativo, uma vez que partimos da observação da atuação docente voltada à inclusão educacional dos alunos com deficiência. As observações iniciaram a partir de um encontro na escola com a gestão da instituição, em que planejamos encontros semanais durante dois meses para conhecer os espaços da escola e as professoras. Nesse primeiro contato, que é de suma importância para alinhar meus objetivos e entender a dinâmica da escola, obtive muito êxito, pois, a gestão foi muito solícita em responder meus questionamentos, como também, se dispôs a ajudar no que fosse necessário para o desenvolvimento desta pesquisa.

Em relação aos procedimentos técnicos, utilizaremos a observação das professoras em uma escola de ensino fundamental I, especificamente as turmas da Creche e pré-escola, pesquisa bibliográfica, buscando embasamento teórico para seu objetivo e entrevistas com determinado número de profissionais da educação.

Partindo disso, o pesquisador ao ir a campo obtém informações mais precisas e um olhar crítico acerca das problemáticas que se apresentam no contexto da sala de aula vivenciado pelas educadoras. A pesquisa nesse sentido acontece a partir do olhar atento do pesquisador, que consegue através de seu estudo prévio perceber situações, falas, movimentos e o seu olhar direcionado em sala, como sintetiza (Oliveira, 1996):

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo (Oliveira, 1996, p.15).

Nesse contexto, o autor acima vem sintetizar a importância do olhar, fala e escuta atenta de tudo que se pode perceber em uma observação, fazendo assim a sua escrita para que o pesquisador consiga detalhar tudo que viu, bem como, escrever as informações em seu relatório de pesquisa.

Essa pesquisa tem como uma de suas técnicas de coleta de dados, uma entrevista estruturada e semiestruturada, que tem como função entender melhor o ponto de vista das docentes que fazem parte da creche e pré-escola, assim como, perceberem as maiores dificuldades enfrentada por elas no processo de inclusão educacional voltada à educação especial inclusiva.

Nesse sentido, segundo Gil (1999), a entrevista se apresenta como um dos métodos mais utilizados para levantamentos de pesquisas grupais. Além de que, essa técnica se mostra apropriada para exploração de conhecimento, tendo em vista que, as pessoas dão suas respostas a partir daquilo que sabem e acreditam ser.

Nesse contexto, o autor também vem sintetizar a utilidade desse tipo de método, evidenciando a sua importância em relação a sua veracidade, dimensão, efetividade e divisão. Da mesma maneira, na pesquisa os entrevistados dentro das perguntas que são feitas a eles podem apresentar diferentes visões e respostas, pois a entrevista não se limita a particularidades da pessoa entrevistada, assim como, a mesma acontece de forma flexível possibilitando que o entrevistador consiga perceber detalhes e respostas não faladas.

A partir da observação faremos a leitura de Nóvoa (1995), Meirieu (2005), Prado e Freire (2001), Santos (2007), Fonseca (2021), Sassaki (1997), Mantoan (1997), Bueno (2002), Carneiro (2012), LDBEN (1996), Oliveira (1996) e Gil (2002), para dar suporte a nossa pesquisa esses autores contribuíram para afirmar que a atuação docente voltada à educação especial inclusiva perpassa grandes desafios para se concretizar nas escolas e que é muito importante debater a questão com todos, escola, sociedade e governo, para que a discussão alcance mais pessoas.

Nóvoa (1995), afirma que a formação do professor se dá por meio de sua ação coletiva com seus alunos, descobrindo novas práticas e não somente através de seu diploma, Meirieu (2005), menciona que a escola deve atender a todos os sujeitos, Prado e Freire (2001), sintetiza a importância do professor no ensino especial em que suas habilidades são desenvolvidas para perceber e trabalhar nas dificuldades dos alunos com deficiência ou algum transtorno, Santos (2007), vem pontuar o quantitativo de matrículas realizadas de crianças com deficiência na escola, Fonseca (2021), vem falar a respeito da formação docente voltada ao público do AEE, Sassaki (1997), cita sobre o conceito de inclusão, Mantoan (1997), referencia sobre o processo de inclusão, em que o mesmo deve levar a uma mudança de visão, Bueno (2002), reporta-se acerca da realidade de formação de professores na educação especial inclusiva, Carneiro (2012), relata em referência, a escola inclusiva em que o aluno é visto e envolvido nas atividades propostas, Oliveira (1996), aponta para o olhar do pesquisador em sua pesquisa, no qual acontece a partir de sua visão, escuta e fala atenta, Gil (2002), enfatiza a constituição de uma pesquisa de maneira clara para o desenvolvimento de um extraordinário trabalho sobre o assunto pesquisado.

Realizaremos uma entrevista com três professoras titulares e a professora do AEE, e estas são as perguntas que pretendemos indagar:

O questionário terá as seguintes perguntas:

1. A Educação Especial Inclusiva ocupa cada vez mais espaço entre as discussões na sociedade. Nesse sentido, a Escola tem desenvolvido projetos ou ações pedagógicas que tratam da Educação Especial Inclusiva ?

a) ☐ Sim. Quais ?

b) ☐ Não. Porque?

2. Você já participou de algum curso específico para trabalhar com a inclusão escolar de alunos/as com Necessidades Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?

a) ☐ Sim. Quantos cursos? ____

Qual a contribuição desses cursos para a sua atuação como docente?

b) ☐ Não. Por que?

3. A escola em que você trabalha disponibiliza recursos pedagógicos específicos para se trabalhar com a inclusão de alunos com Necessidades Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?

☐ Sim. Quais?

☐ Não. Por que isso não acontece?

4. Você planeja as atividades e avaliações da aprendizagem dos/as alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?

☐ Sim. Como acontece? (Descreva) ☐ Não. Por que isso não acontece?

5. Em sua opinião, quais são os principais desafios, questões, dificuldades, anseios e dúvidas em relação ao trabalho docente com alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?

Dessa maneira, analisaremos através de entrevista com as professoras e de observações na instituição escolar como a inclusão de alunos com deficiência acontece e quais as maiores dificuldades enfrentadas pelas docentes para que a integração dos estudantes se efetive, levando em consideração toda rede de apoio que as professoras da sala comum têm, como cuidadora escolar e professora do AEE, que se torna algo fundamental no trabalho desenvolvido pela escola.

Essa análise sobre atuação docente na educação especial inclusiva é muito importante para compreendermos os desafios que as professoras passam todos os dias para incluir os alunos, bem como, analisar as atividades pensadas para os discentes, assim como, sua maneira de ver aquela criança com deficiência em sala de aula. Além de, pensar a formação desses profissionais, que se faz tão necessário para atender a diversidade que compõe a sala de aula e também dar ênfase à questão das políticas inclusivas no país que precisa ser algo recorrente de debates pela sociedade.

Deste modo, é necessário compreender que o educador tem uma grande responsabilidade em seu trabalho como educador e formador de pessoas, pois, é reservada a ele a função de pensar e desenvolver práticas educacionais para as crianças voltadas ao respeito ao próximo, assim como, estimular os alunos com deficiência a participar dos momentos em sala.

Para realizarmos esta metodologia, houve a necessidade de produzir pesquisa piloto em que obtivemos os seguintes resultados que apresentaremos a seguir e que tem a intenção de esboçar reflexões e contribuir para a atuação docente voltada numa perspectiva inclusiva no município de Aracoiaba (CE).

5.1 DA PESQUISA

A partir de agora, abordaremos a pesquisa piloto que realizamos na escola João Mariano Batista no município de Aracoiaba. Para isso, será apresentada nossa pesquisa seguida das reflexões sobre os resultados

obtidos. Essa pesquisa está ordenada em observação da atuação docente das professoras na inclusão dos alunos em uma escola de ensino fundamental I, no município de Aracoiaba, cabe ressaltar que, após a observação, nós fizemos a leitura para buscar embasamento teórico para abordar o tema. Em seguida, foi realizada entrevista com quatro professoras, sendo elas, três da sala comum e uma da sala do AEE, com a intenção de obter informações mais aproximadas das pessoas que participam da inclusão dos discentes. Detalharemos a seguir.

Após a elaboração da primeira versão do questionário apresentado na metodologia, essa é a fase de teste quanto à validade e qualidade do questionário preparado. Observamos se todas as perguntas são válidas para os pesquisados, e se os conteúdos questionados nas perguntas serão corretamente interpretados. Realizamos a aplicação do teste piloto com um grupo de quatro professoras para que se tenha uma avaliação do questionário.

Pode-se detectar na fase de testes se há alguma variável a mais a ser averiguada que não tenha sido questionada nas perguntas, ou se o conteúdo aprecia todos objetivos postos.

5.2 Reflexões a partir das observações feitas na escola

A escola de ensino fundamental João Mariano Batista, localizada no município de Aracoiaba trabalha a inclusão de seus alunos com deficiência através de práticas educacionais pensadas e desenvolvidas pelas educadoras sem formação adequada e específica na área da educação especial inclusiva. Além de, poucos recursos pedagógicos, buscando deste modo, por iniciativa própria pesquisar atividades que se adequem as crianças com deficiência, para assim, promover a inserção dos alunos atípicos na escola e também para garantir sua permanência na sala comum.

5.3 O papel das Docentes

A pesquisa sobre atuação de professores voltada à inclusão educacional nos leva a pensar que a formação das educadoras se constitui ao longo de sua jornada na escola, ou seja, as profissionais precisam estar sempre em busca de novos conhecimentos que lhes falta para ensinar seus alunos com deficiência, procurando assim compreender os conceitos e entender a conjectura das deficiências para, deste modo, conhecer e saber desenvolver meios e metodologias para o aprendizado dos alunos.

Nesse sentido, se faz necessário nesse processo de aquisição de novos conhecimentos e busca por informações sobre os alunos que as educadoras compreendam que “ a formação inicial e continuada de professores e demais profissionais da Educação constitui um dos pilares fundamentais da atual política da Educação Inclusiva no Brasil” (JESUS; BORGES, 2018, p. 30).

A realidade das professoras que lecionam na escola João Mariano Batista nas turmas da creche e pré-escola mostra que a falta de formação específica na educação especial inclusiva se apresenta como um dos maiores desafios enfrentados pelas mesmas no exercício de sua docência. Além de, os poucos recursos

disponíveis e estrutura física para o acesso às atividades diversificadas. Com isso, percebe-se que muitas vezes as crianças não participam das atividades propostas e dos momentos de socialização por que o ambiente não ajuda e pelo fato daquela tarefa não chamar sua atenção.

As professoras da escola João Mariano Batista, no município de Aracoiaba enfrentam muitos desafios em sala de aula, sendo estes os que mais se destacam: a falta de recursos pedagógicos, falta de capacitação na área inclusiva, saber como propor atividades que sejam significativas para todos e saber lidar com situações extremas em que a criança está em crise. Apesar desses desafios frequentes, os profissionais de educação buscam sempre dar o seu melhor, pesquisando técnicas e se ajudando em meio às dificuldades.

A escola conta com uma sala de AEE, com uma professora especializada com formação em pedagogia, uma graduação no AEE e Psicopedagogia, que atende 16 alunos de todas as turmas da escola no contra turno, sendo 8 da educação infantil. Esse programa de atendimento especializado decorreu na escola para melhorar o aprendizado das crianças com especialidades e assim ajudar os alunos, professoras e famílias.

Nesse sentido, o apoio e cooperação da família nesse atendimento se tornam indispensável, tendo em vista que é fundamental a participação dos mesmos para o sucesso da inclusão escolar, pois é de conhecimento de todos que a responsabilidade de acompanhar o processo educacional dos filhos é da família, bem como, dialogar com as professoras e colaborar para o progresso dos estudantes.

As professoras da creche e pré-escola realizam seu planejamento na terça-feira na sala dos professores, trabalhando a mesma sequência didática e pensando as atividades de forma conjunta, ou seja, elas trabalham de forma coletiva e adaptam as propostas de acordo a realidade de suas turmas. Percebe-se que elas se relacionam de maneira afetuosa e atenciosa com os alunos com deficiência, suscitando nas crianças a partir de suas ações o respeito aos colegas com ou sem deficiência. Os alunos ditos “normais”, possuem uma boa relação com as crianças com deficiência, ajudando muitas vezes nas tarefas, entendendo que precisam de mais tempo para sua realização, assim como, mais espaço para ficar no seu lugar e que precisam de silêncio.

Essa interação e boa relação dos alunos faz parte de todo um trabalho desenvolvido em sala de aula pelas educadoras em vista de incluir e fazer com que as crianças tenham respeito e cuidado com seu colega de sala. É, portanto, incentivar a inclusão primeiramente entre as crianças através da ajuda deles em pequenos momentos e gestos, para depois expandir para todo o espaço da escola.

5.4 Sobre a entrevista com as educadoras

É de extrema importância à realização da entrevista com as docentes da sala comum e professora do AEE, pois a partir da análise do que foi argumentado pelas educadoras, poderemos ter entendimento dos desafios enfrentados, as práticas educacionais trabalhadas, assim como, elas enxergam as crianças com especialidades em sala. A entrevista poderá nos dar um alcance maior de todas as dificuldades que as educadoras têm que enfrentar todos os dias com as poucas possibilidades que a escola pode oferecer-lhes e trabalhar a inclusão escolar ao mesmo tempo em que aprendem.

Para conseguir obter informação mais clara sobre a atuação das professoras na educação inclusiva,

realizamos uma entrevista com quatro professoras, três da sala convencional e uma da sala do AEE. A entrevista de pergunta reservada a cada entrevistado possibilitou que expressassem suas opiniões e alguns relatos de experiências suas.

O questionário terá as seguintes perguntas:

1. A Educação Especial Inclusiva ocupa cada vez mais espaço entre as discussões na sociedade. Nesse sentido, a Escola tem desenvolvido projetos ou ações pedagógicas que tratam da Educação Especial Inclusiva ?
 a) () Sim. Quais ?
 b) () Não. Porque?
2. Você já participou de algum curso específico para trabalhar com a inclusão escolar de alunos/as com Necessidades Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?
 a) () Sim. Quantos cursos? _____
 Qual a contribuição desses cursos para a sua atuação como docente?
 b) () Não. Por que?
3. A escola em que você trabalha disponibiliza recursos pedagógicos específicos para se trabalhar com a inclusão de alunos/as com Necessidades Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?
 () Sim. Quais?
 () Não. Por que isso não acontece?
4. Você planeja as atividades e avaliações da aprendizagem dos/as alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?
 () Sim. Como acontece? (Descreva) () Não. Por que isso não acontece?
5. Em sua opinião, quais são os principais desafios, questões, dificuldades, anseios e dúvidas em relação ao trabalho docente com alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)?

Para o primeiro questionamento as educadoras afirmaram em sua maioria que sim, que trabalhavam muito com o lúdico e jogos cognitivos de acordo com o nível dos seus alunos como forma de incluir e desenvolver práticas mais inclusivas. Já a professora do AEE, respondeu que sim, através de uma sala de recursos multifuncional, onde as crianças têm atendimento semanal.

No segundo questionamento, as professoras declararam que sim, sendo uma sua maioria sobre o transtorno do espectro autista. Segundo elas, o curso foi maravilhoso e possibilitou aprendizagens no que diz respeito às atividades que deveriam realizar com as crianças com autismo. Para a educadora do AEE, a resposta foi positiva, pois, por ser especializada no atendimento ao público com deficiência precisou se qualificar na área, tendo mais de um curso específico sobre Educação Especial Inclusiva Vale ressaltar que no terceiro questionamento a maioria das docentes falou que sim, a escola sempre está disponível para ajudá-las no que for preciso, disponibilizando folhas A4, jogos lúdicos, lápis colorido, tinta guache, dentre outros. As

educadoras também relataram que apesar de toda assistência que recebem, ainda sentem falta de mais recursos na escola voltada para o público da educação especial inclusiva.

Percebemos que no quarto questionamento a maioria das professoras reiterou que sim, elas sempre buscam a melhor aprendizagem para as crianças, planejando sempre jogos e lúdico para chamar mais atenção e participação dos alunos com deficiência. A profissional do AEE relatou que sim, planejar semanalmente, na sexta-feira as atividades de acordo com a dificuldade de cada criança.

Compreende-se que no quinto questionamento as professoras alegaram em sua maioria que a falta de conhecimento e informação tanto da parte da família como da comunidade escolar são um dos fatores que as preocupa, bem como, o preconceito, a falta de respeito às crianças com deficiência, assim como, o não entendimento do nível da deficiência da criança, dificultando desta forma, por exemplo, no planejamento de atividades específicas e na participação dos alunos nas práticas educacionais trabalhadas em sala.

Este teste piloto caracterizou-se pela condição experimental e foi aplicado a um pequeno número de participantes. O objetivo do teste piloto, em nossa pesquisa, foi avaliar aspectos funcionais, tais como acertabilidade, estruturação e clareza nas questões, de modo a advertir e/ou melhorar eventuais dificuldades, antes da aplicação definitiva. Assim, a execução deste teste piloto nos permitiu observar que há uma necessidade de ampliação das questões com o intuito de atingir respostas mais concretas, há ainda a necessidade de um questionário no qual se possa ser mais preciso em relação aos fatos e que consigam estabelecer dados estatísticos.

6. CONCLUSÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a atuação docente na educação especial inclusiva em uma escola de ensino fundamental I, no município de Aracoiaba. A partir desse estudo podemos compreender que a formação continuada para os professores, bem como, a inclusão educacional dos alunos com deficiência na sala comum, pode ser vista como um avanço nas políticas de inclusão em nosso país.

Nesse sentido, a educação inclusiva não é apenas inserir os alunos com deficiências na sala regular de ensino. Ela precisa ocupar mais espaço de debates e se tornar uma realidade para todos, possibilitando acesso a informações e formação para toda a comunidade escolar, e não apenas para os educadores.

Nesse contexto, para que a inclusão escolar se torne uma realidade na escola João Mariano Batista, no município de Aracoiaba, se faz necessário que as docentes recebam formação que as capacite as especialidades das crianças que recebem em suas salas, buscando metodologias e atividades diversificadas para atingir os objetivos de aprendizagens para as crianças com deficiência, assim como, a escola se amplie em sua estrutura física e que ofereça mais material didático pedagógico.

Desta maneira, esta pesquisa, revelou a necessidade de formação continuada para as educadoras, frente às dificuldades enfrentadas por elas em sala para conseguir incluir os alunos com especialidades na rotina da aula e na realização das atividades.

Concluimos salientando que a atuação docente voltada à educação especial inclusiva é uma discussão

que deveria se fazer mais presente no espaço das escolas e nas formações dos professores, trabalhando com os educadores conhecimentos que lhes faltam para ensinar os alunos com deficiência, como por exemplo, métodos e técnicas específicas para a aprendizagem dos alunos. Além de, formar as docentes numa perspectiva da educação inclusiva, considerando que se faz necessário ressignificar o seu papel na escola, bem como, da própria escola e toda a comunidade escolar.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL, Resolução CNE/CEB no 2, de 11 de Setembro de 2001 – **Diretrizes Nacionais para a Educação Básica**, 2001.

Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil** Brasília, DF. Senado, 1988. Disponível em: [Constituição](#). Acesso em 20 de Set. 2024.

Decreto no 7.611, de 17 de Novembro de 2011- **dispõe sobre a educação especial**, o atendimento educacional especializado e dá outras providências, 2011. Disponível em: [Decreto nº 7611](#). Acesso em 25 de Set. 2024.

CARNEIRO, R.U.C. Educação Inclusiva na educação infantil. *Práxis Educacional*, p. 81-95, 2012.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v.18, n. 52, 2013.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GLAT, Rosana; NOGUEIRA, Mário Lúcio de Lima. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. *Revista Comunicações Piracicaba*, v.10, n.1, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Ser ou estar eis à questão**: Explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

MIRANDA, Therezinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão (orgs.). O professor e a Educação Inclusiva. **Formação, práticas e Lugares**. EDUFBA, Salvador, 2012.

OLIVEIRA, R.C.de. (1996). O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista De Antropologia*, 39(1), 13-37.

CARNEIRO, R.U.C. Educação Inclusiva na educação infantil. *Práxis Educacional*, p. 81-95, 2012.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o (a) aluno (a) de graduação Camila Alves da Costa do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail: camilacm9@yahoo.com e pelo telefone (85) 981446152. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores, visando, por parte do (a) referido (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "Atuação Docente na Educação Especial Inclusiva em uma escola pública de ensino fundamental I de Aracoiaba (CE)". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, Maria Romy Kendy Montuoro da Silva,
portador (a) do documento de identidade 2005098110863, 38 anos,
fui informado(a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o (a) aluno (a) de graduação Camila Alves da Costa do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail: camilacm9@yahoo.com e pelo telefone (85) 981446152. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores, visando, por parte do (a) referido (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "Atuação Docente na Educação Especial Inclusiva em uma escola pública de ensino fundamental I de Aracoiaba (CE)". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, Marcela Machado de Castro Silva,
portador (a) do documento de identidade 2008990747-1, 24 anos,
fui informado(a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o (a) aluno (a) de graduação Camila Alves da Costa do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail: camilacm9@yahoo.com e pelo telefone (85) 981446152. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores, visando, por parte do (a) referido (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "Atuação Docente na Educação Especial Inclusiva em uma escola pública de ensino fundamental I de Aracoiaba (CE)". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, Francisco Rosiane Costa do Nascimento,
portador (a) do documento de identidade 2003015048328, 39 anos,
fui informado(a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o (a) aluno (a) de graduação Camila Alves da Costa do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail: camilacm9@yahoo.com e pelo telefone (85) 981446152. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores, visando, por parte do (a) referido (a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "Atuação Docente na Educação Especial Inclusiva em uma escola pública de ensino fundamental I de Aracoiaba (CE)". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, Maria Lúcia Eunkunak de Almeida Silva,
portador (a) do documento de identidade 20077957428, 40 anos,
fui informado(a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.